

**OS GRUPOS RELIGIOSOS HEBREUS SURGIDOS NO PERÍODO PÓS-
MACABAICO RELATADOS NO NOVO TESTAMENTO:
“O DIA-DIA DOS FARISEUS, SADUCEUS, ZELOTES E HERODIANOS”**

por
João Laurindo de Almeida Júnior

**SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO SUL DO BRASIL
2008**

**OS GRUPOS RELIGIOSOS HEBREUS SURGIDOS NO PERÍODO PÓS-
MACABAICO RELATADOS NO NOVO TESTAMENTO:
“O DIA-DIA DOS FARISEUS, SADUCEUS, ZELOTES E HERODIANOS”**

por
João Laurindo de Almeida Júnior

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Teologia do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, como requisito para obtenção do grau de bacharel em Teologia.

**SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO SUL DO BRASIL
2008
SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO SUL DO BRASIL**

**OS GRUPOS RELIGIOSOS HEBREUS SURGIDOS NO PERÍODO PÓS-
MACABAICO RELATADOS NO NOVO TESTAMENTO:
“O DIA-DIA DOS FARISEUS, SADUCEUS, ZELOTES E HERODIANOS”**

João Laurindo de Almeida Júnior

Prof. Mestre Valtair Miranda Afonso

Prof. Mestre Maria Celeste Machado

Aprovada em ____/____/____

Rio de Janeiro - 2008
DEDICATÓRIA

A minha **Esposa Celinha**, pela paciência e por ser grande incentivadora durante todo este processo.

A **Minha Família**, grande alicerce, principalmente nos momentos difíceis.

Ao casal **Fábio e Fabiana**, pela amizade e carinho.

Aos pastores **José Ferreira e Hideraldo** pela grande amizade cultivada neste tempo.

A professora **Celeste**, com toda sua alegria, pela grande contribuição que teve em minha formação acadêmica.

A **Deus**, pelo sustento em todos os sentidos, por ser motivo de minha existência e razão de todos meus esforços.

RESUMO

O período chave em que ocorreram as divergências doutrinárias e consequentemente o surgimento dos vários grupos religiosos judeus foi no período após o exílio babilônico. O exílio, que pode ser visto como castigo ou a recompensa da desobediência a Deus, fez com que o povo enxergasse seus constantes erros.

Diante do retorno do exílio e da lição aprendida, o povo se encontrava em um dilema, dúvidas surgem. O que fazer para não acontecer novamente tamanho mal?

Este dilema foi culminante para surgir duas tendências que seriam teses de como proceder diante de Deus e não errar mais. Delas surgem os Sadoquitas e Assideus, que não eram grupos estruturados, mas idéias que se opõe para defender qual tese Deus aprovariam e qual não aprovaria.

Com o desenrolar da história, dos Assideus um racha dá fim a este grupo e deles surgem dois novos grupos que se organizam. Deles surgem os Essênios, uma ala mais radical e os Fariseus, fruto de nosso estudo, que futuramente seria reconhecido como o maior e mais organizado grupo judeu de seu tempo.

Os Sadoquitas dão início ao grupo dos Saduceus, a alta classe sacerdotal, que usufruirá do poder por longo tempo entre os judeus. Diferentemente dos fariseus, um grupo bem popular, os Saduceus não faziam questão deste título; era um grupo bem fechado que não fazia questão da popularização de seu grupo.

Dos Fariseus, após outra divisão novos grupos surgem, entre eles os zelotes que eram reconhecidos como um grupo rebelde, de revolucionários, estes imaginavam que o Messias, esperado por todos, viria mediante a uma ação deles de revolução contra os considerados inimigos, romanos e gregos.

Surgem também os Herodianos, por muitos, não reconhecidos como um grupo religioso organizado, mas uma ala de esquerda saducéia. Para nós há diferenças de seu predecessor, os Saduceus, que os classificam com um grupo.

Também em torno desses quatro grupos é que gira toda história narrada nos quatro evangelhos sinóticos, que são fonte de dúvida e desconhecimento de muitos estudantes da bíblia e é isso que queremos com o trabalho: esclarecer o contexto dos quatro Evangelhos tornando conhecidos esses grupos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
2. A NOVA ERA DO JUDAISMO POS-EXILICO E SUA ORGANIZAÇÃO RELIGIOSA PÓS-MACABAICA.....	11
2.1 FONTES.....	11
2.2 PRÉ-HISTÓRIA DOS PARTIDOS RELIGIOSOS TARDIOS.....	12
2.2.1 Sadoquitas.....	13
2.2.2 Assideus.....	14
2.2.3 Uma breve história da revolta dos macabeus.....	15
2.3 O FIM DA UNIDADE ISRAELITA.....	16
3. A HISTÓRIA E FORMAÇÃO DOS FARISEUS, SADUCEUS, ZELOTAS E HERODIANOS.....	18
3.1 FARISEUS.....	18
3.1.1 Significado da palavra fariseu.....	18
3.1.2 A origem dos fariseus.....	18
3.1.3 A vida política: o envolvimento político dos fariseus na história.....	19
3.1.4 Dia – dia dos fariseus.....	21
3.2 SADUCEUS.....	23
3.2.1 Origem do nome e do grupo saduceu.....	23
3.2.2 A relação dos sadoquitas com a vida política.....	24
3.2.3 A vida diária dos saduceus.....	26
3.3 ZELOTES.....	27
3.3.1 Do significado do nome a origem dos zelotas.....	27
3.3.2 A visão política dos zelotas.....	30
3.3.3 O dia-dia dos zelotas.....	30
3.4 HERODIANOS.....	31
4. OS FARISEUS; SADUCEUS; ZELOTES E HERODIANOS EM SUA EXPRESSÃO DOUTRINARIA.....	34
4.1 TEOLOGIA FARISAICA.....	34
4.1.1 A relação farisaica com a Torá e a necessidade de pureza.....	34
4.1.2 Método alegórico.....	35
4.1.3 Sua visão Messiânica.....	36
4.1.4 A relação do fariseu com a prática do dízimo.....	37
4.1.5 Fariseus e a poligamia.....	37
4.1.6 Predestinação e livre arbítrio.....	38
4.1.7 Ressurreição e juízo dos mortos.....	38

4.2	A TEOLOGIA DOS SADUCEUS.....	39
4.2.1	A relação com a Tora.....	39
4.2.2	Teologia da Ressurreição dos mortos.....	39
4.2.3	Sua relação com a nova tese da existência de anjos e demônios.....	40
4.2.4	Teologia saduceia do livre arbítrio.....	40
4.2.5	Criam eles na vinda do messias?.....	41
4.3	TEOLOGIA ZELOTA.....	41
4.3.1	Relação dos zelotas com a Lei, Templo e a influencia helenista.....	41
4.3.2	O messias esperado pelos zelotas.....	42
4.4	TEOLOGIA HERODIANA.....	43
5.	CONCLUSÃO.....	44
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48

INTRODUÇÃO

O Novo Testamento é um livro muito rico em ensinamento, é apaixonante estudá-lo e descobrir coisas novas no seu conteúdo, mas a preocupação em saber a sua real interpretação acompanha todo estudante sério. Temos que levar a sério saber o que aqueles autores, inspirados por Deus, queriam dizer naquelas linhas.

Ao ler a bíblia não podemos ficar com duvidas em nossas conclusões nos estudos, exemplo, hoje lemos isso e entendemos de tal maneira, amanhã lemos a mesma coisa e já entendemos de outra. Depois do contato com meio acadêmico e com as ferramentas para interpretação desses textos, exegese e hermenêutica, isso ficou mais claro para o estudante, mostrando a importância de um estudo sério desses textos e a cautela que devemos ter ao ler, pois se trata de escritos de um povo diferente, numa época diferente da nossa e com cultura e pensamentos diferentes do nosso.

Pensar dessa forma é muito serio, pois todos que vão para estes textos, vão com a mente recheada de uma cultura que é diferente do meio em que foram escritos os textos do Novo Testamento. Aí a interpretação não deve sair boa coisa, claro, ate acreditamos que o tema central é sempre bem claro na Bíblia, a ponto de qualquer leigo ler e entender, mas questões complicadas não podem ser estudadas sem uma base de conhecimento do meio que foram produzidos esses textos.

Este pensamento nos incentiva a escrever sobre esse tema, sobre a cultura, teologia e o dia-dia de alguns grupos do povo israelita, pois eles foram importantes na produção dos textos que temos em mãos hoje, foi contra eles que Jesus debateu, foi contra seus pensamentos, teologias e doutrinas que Jesus e também os Apóstolos pregaram e trouxeram um novo modo de pensar Deus “através das Boas Novas”.

Ao ler os sinóticos, por exemplo, não conhecer o pensamento dos Fariseus, Saduceus, Zelotes e Herodianos, levará o estudante a muitas duvidas e conclusões erradas. Porque Jesus os interpelava daquela maneira? O que esses grupos pensavam de tão grave que tirava Jesus do sério, como as questões que sempre envolviam um desses grupos: a mulher adúltera, os dízimos, a ressurreição? São perguntas que devem fazer parte de nosso repertório ao ler os textos.

Nesse sentido trataremos desses tópicos neste trabalho, tentando fazer os estudantes mergulharem nessa cultura e olhar para os textos do Novo Testamento

com outros olhos, olhos de um fariseu, saduceu, zelote ou de um herodiano, grupos estes que compõem o tema de nosso trabalho.

Outro motivo que nos moveu a trabalhar essa temática foi por não ser de nosso conhecimento que exista um trabalho, em Português, focalizado exclusivamente nesses grupos, principalmente os zelotas ou zelotes e herodianos, o segundo menos que o primeiro.

Também, pelo fato de que os trabalhos existentes em nossa língua, o Português, ou traduzidos, na maioria, não trabalham enfaticamente o lado teológico e doutrinário, mas apenas os aspectos sociológicos. Em resposta a isso trabalharemos um capítulo em especial a doutrina desses grupos.

Nosso trabalho, então, girará em torno do período inicial em que foi dada a divisão religiosa em meio aos judeus, sob domínio grego, em 198 a.C. por Antíoco III. Até o final, quando os judeus voltaram a uma unidade religiosa pós-guerra de 70 d.C.

Essa delimitação, também, é pelo motivo, como veremos, do judaísmo que conhecemos hoje ter sido perpetuado pelos fariseus. Sendo assim estenderíamos muito nosso trabalho, fugindo do propósito, quando os demais grupos, citados em nosso estudo, serão desfeitos. E por nos interessar somente o período anterior e contemporâneo do período do Novo Testamento.

Começaremos, então, contando a história desses grupos, como eles foram formados no período pós-macabeu. Nossa preocupação é só com os grupos que aparecem no Novo Testamento, pois há possibilidade de muitos outros grupos terem se formados nesse período, o chamado período interbíblico.

Depois pretendemos fazer uma abordagem de cada um desses grupos: Fariseus, Saduceus, Zelotes e Herodianos. Contando a história de sua origem, falando de seus fundadores, o momento vivido por Israel na sua fundação, sua visão política, o dia-dia desses grupos e a visão teológica de cada grupo.

Dentro da teologia de cada um queremos trabalhar em cima de um tema em comum entre esses grupos, que é a questão acerca do messias, o conceito de messias de cada comunidade e os pontos em comum entre eles.

Com isso queremos instigar e incentivar ao estudante aprofundar e ver a importância de um estudo sério desses grupos e o contexto bíblico, mas desde já dar-mos uma base para o estudante chegar aos textos e entender melhor as questões obscuras do texto bíblico que é produzido com a participação desses grupos. Exis-

tem outros públicos que também ajudaram na confecção dos livros bíblicos, mas queremos nos ater somente nesses quatro, que tem uma relação com os judeus. Sendo assim, nosso desejo é que esta obra seja realmente útil para o estudo dos textos bíblicos.

2. A NOVA ERA DO JUDAISMO POS-EXÍLICO E SUA ORGANIZAÇÃO RELIGIOSA PÓS-MACABAICA

Não há como iniciarmos um estudo profundo destas comunidades, que tiveram vital importância para estrutura em muitos aspectos da teologia contemporânea que temos hoje, se não estudarmos seu início. Temos que entender de fato qual foi a mola propulsora que fez com que houvesse essa divisão dentro do judaísmo.

2.1 FONTES

Para entendermos que se passava entre os judeus e essa diversidade de teologia, com princípios que não eram negados por nenhuma delas, podemos fazer uma leitura contemporânea no Brasil dos evangélicos que tem princípios intocáveis, defendidos por todos, mas com variações doutrinárias em muitos aspectos.

Segundo SCHUBERT, O grande problema em estudar a pré-história destes grupos é que não estamos bem informados sobre a época pós-exílica. Como defende este autor, a história que nos é passada da mesma, são de textos produzidos posteriormente ao acontecimento narrado, para ele há toda uma linguagem e interpretação em cima desses fatos.¹

Mesmo assim, para SCHUBERT, existem algumas fontes que podem nos ajudar a remontar essa história e conhecer esses grupos, alguns destes produzidos entre os assídeos, tendência partidária entre os judeus.

Uma fonte importante é o historiador Flávio Josefo, que escreveu para os Romanos sobre o povo judeu. Outro grupo de textos, grupos estes que são nossa inspiração para elaboração deste trabalho, é o Novo Testamento, aqui delimitamos nossa área de pesquisa nos quatro grupos que aparecem nestes textos, que são fariseus, saduceus, zelotes ou zelotas e herodianos. Por fim, os livros dos Macabeus, livros de grande importância também, que falam do período helênico. Com estas fontes podemos ter uma idéia de como viviam estes grupos.

¹ SCHUBERT, Kurt. *Os Partidos Religiosos Hebraicos da época Neotestamentária*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1979. p 7

Entre as obras produzidas em meio a este povo está o livro de Daniel, podendo ser datado nesta época, pois se trata de uma produção do século II a.C., e textos Rabínicos do Talmude e do *Midrash*, fontes pós-bíblicas hebraicas e aramaicas.²

2.2 PRÉ-HISTÓRIA DOS PARTIDOS RELIGIOSOS TARDIOS

O judaísmo aceitava com facilidade as divergências doutrinárias contanto que mantivessem verdades essenciais e aceitassem certas práticas. Temos o exemplo dos discípulos de Jesus, Pedro e João, parece que foram considerados por longo tempo, como fazendo parte do povo judeu: eram monoteístas, mantinham a fé no único Deus Vivo, tinham como regra de fé e prática as escrituras e continuavam participantes das atividades no templo (At 3.1)³; sendo assim considerados como uma nova seita que surgia, os nazoreus⁴ (At 24.5).

As seitas e os partidos surgiram nos últimos séculos antes de nossa era⁵ Josefo nos informa que a origem dos primeiros grupos, saduceus e fariseus, surgiram em meio à epopéia dos Macabeus.

Ainda sob domínio grego, em 198 a.C. Antíoco III, descendente de Selêuco, um dos quatro generais de Alexandre Magno, faz com que Israel entrasse para seu império, com a intenção de helenizá-lo. Este empreendimento por alguns judeus era visto com bons olhos, uma iluminação, um convite para sair do gueto ao qual estavam confinados (1 Mc 1.11) para uma progressão no seu modo de vida e para fazer comércio com esse império grego, eles viam tudo isso, como uma melhora de vida em muitos sentidos.

Mas pela grande maioria, o povo, receando a perda da fé, desaparecendo junto com os costumes gregos de ser, não acompanha a idéia de seus defensores, portanto não aprovam essa novidade.⁶

Dentro deste pensamento, temos um autor, falando da pré-história dos grupos rivais religiosos, vai defender a existência de duas tendências, que ainda não são

² SCHUBERT, Kurt. op. cit. p 11-13

³ A partir de Atos 3.1, todas as citações bíblicas serão colhidas na BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

⁴ SAULNIER, Christiane & ROLLAND, Bernard. *A Palestina nos tempos de Jesus*. 7 ed. São Paulo: Paulinas, 1983. p 74

⁵ BRIGTH, Jonh. *História de Israel*. 7 ed. São Paulo: Paulus, 2003. p 538

⁶ SAULNIER, Christiane & ROLLAND, Bernard. op. cit. p 75

grupos formados e estruturados: os sadoquitas, defensores deste intercâmbio e os assideus, contrários a este intercâmbio.

2.2.1 *Sadoquitas*

Schubert, diz que os partidos religiosos hebraicos tardios, fariseus e saduceus, são documentados apenas a partir da metade do século II a.C., mas que possuem uma pré-história muito anterior.

Exemplo disso são os saduceus, provenientes da nobreza sumo - sacerdotal, descendente de Sadoc, sumo-sacerdote que serviu na época do reinado de Davi e Salomão, como é retratado em Ezequiel 40.46 e 44.15, para exercer legitimamente o sacerdócio era indispensável descender da raiz de Sadoc.

A Partir da fundação da comunidade pós-exílica em 539 a.C. o sacerdote foi sempre sadoquita, este alto cargo significava não só uma preeminente função cultural, mas um alto poder político. Este era representante da autonomia interna judaica, sendo assim, poderemos ver, que desta linhagem vão surgir uma tendência partidária, os sadoquitas, que mais tarde se enraizarão como os saduceus.

Os sadoquitas eram abertos à colaboração política com os povos vizinhos, o que poderia significar um sincretismo cultural, com isso, eram abertos à influência religiosas das populações vizinhas aos judeus.

De 539 a.C. durante o período de domínio persa, até o domínio grego de Alexandre Magno, as famílias sumo - sacerdotais se mostravam abertas a estreitar relações amistosas com povos vizinhos pagãos e sincretistas, durante o domínio egípcio-ptolemaico, no século III a.C. Eles viviam harmoniosamente com grupos helenizados.⁷

⁷ SCHUBERT, Kurt. op. cit. p 15-16

2.2.2 *Assideus*

Uma outra tendência partidária eram os *hāsīdīm* (os piedosos) ou assideus, oposição às vezes disfarçada, outrora forçada à helenização. Estes já existiam no início da revolta macabaia, por volta de 167 a.C. onde é citado no livro de 1Mc 2.42, sendo assim é provável que este movimento existisse desde o início do século II ou podemos acreditar que seja anterior.

Seus integrantes eram "sacerdotes-apocalípticos" dissidentes que olhavam com ceticismo o culto praticado no templo de Jerusalém e grupos leigos consistentes. Podemos crer que o mesmo eram formados por grupos e grupinhos apocalípticos com base em Isaías 60.21

Para eles o culto em Jerusalém era celebrado em um calendário errado e somente eles tinham um calendário correto de 364 dias, o templo era impuro e esperavam com isso um templo celestial, descido do céu e uma Jerusalém celeste.

O livro de Daniel sofreu fortes influencias do pensamento assideu, tendo sido produzido neste meio.

Eles colaboraram com os macabeus durante a perseguição religiosa de 168-164, mas não eram aliados fiéis, pois até os consideraram hipócritas, por não almejarem uma independência completa dos judeus, se contentavam apenas com a liberdade religiosa deles.

Segundo o Schubert, fator determinante para o desmembramento e uma extinção dos assideus foi uma falta de estrutura interna, isso aconteceu na metade do século II a.C. Neste processo de desmembramento, surgiram dois grupos, os fariseus, uma ala mais liberal em relação ao pensamento assideu e o essênios, que não é objeto de nosso estudo, uma ala mais radical dos assideus.⁸

Deixando de lado este foco e passando para outro de vital importância para nós, no sentido de entendermos este clima de tensão vivido pela população judaica, faremos um corte na história e nos focalizaremos num momento que vai ser fundamental para o desfecho pretendido neste trabalho, a chamada nova era do judaísmo, defendido por John Brigh: a revolta dos Macabeus.

⁸ SCHUBERT, Kurt. op. cit. p 17-20

2.2.3 *Uma breve história da revolta dos macabeus*

Antíoco III morre, em seu lugar, sobe ao trono Antíoco IV ou Antíoco Epífane. Movido por um ódio fora do comum (segundo Josefo este ódio é movido pela sua frustração de não conseguir helenizar os judeus) então persegue os judeus com bastante violência⁹. Seu sonho de helenizá-los impõe a religião grega, proíbe a circuncisão e as práticas judaicas.

Esta imposição vai provocar a revolta de Matatias em 167 a.C. Em Modim vivia Matatias, com seus filhos, João, Simão, Judas, Eleazar e Jônatas. Um emissário de Antíoco chegou e pediu que Matatias oferecesse sacrifício primeiro ao deus pagão grego, energicamente recusou a tal orientação, outro judeu se ofereceu para cumprir tal orientação do emissário, Matatias, então, o degola ao lado do altar, juntamente com o emissário do rei.

Tal iniciativa fez com que Matatias fugisse para o alto da montanha, com seus filhos e outros judeus zelosos. Lá se reuniu com outros judeus que fugiam da perseguição de Antíoco, movidos por um sentimento que eles achavam vir de Deus, liderados por Matatias, sentiram que era hora de lutar contra os invasores, sendo assim, faziam guerrilha contra os selêucidas e judeus que tinham bandeado para o lado deles (1 Mc 2.44-48), perseguindo, matando, destruindo altares ao deus pagão e circuncidando as crianças, mesmo que à força. Devido ao momento que era vivido, de guerra, um dos pontos vulneráveis dos judeus revolucionários era o dia de Sábado que era guardado, vendo que isso os deixava vulnerável, suspenderam a guarda do Sábado quando se tratava da própria defesa (1 Mc 2.29-41).

Já idoso, Matatias morreu em 166 a.C. (1 Mc 2.69), assumiu seu filho Judas, apelidado Macabeu (o martelo). Este era homem corajoso de grande capacidade, transformou a resistência judaica em uma luta bem sucedida pela independência, que se tornou conhecida como “Guerra dos Macabeus”. Outras emboscadas contra os judeus aconteceram, de Apolônio e sob o comando de General Serão, mas Judas venceu todas, essas vitórias animaram os judeus e muitos se uniram em torno da bandeira da independência levantada por Judas.

⁹ ANDRADE, Claudionor de. *Geografia Bíblica: a geografia da Terra Santa é uma das maneiras mais emocionantes de se entender a história sagrada*. 13 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p 76

Apesar das lutas prolongadas para conquistar novamente a independência, o seu fim trouxe liberdade religiosa e autonomia política aos judeus.¹⁰

2.3 O FIM DA UNIDADE ISRAELITA

Em 160 a.C. Jônatas sucede Judas, chefe da resistência armada, quando conseguiu em 152 a.C. através de Alexandre Balas, pretendente ao trono de Antioquia, ser nomeado sumo sacerdote. Jônatas era de linha sacerdotal, mas não sadoquita, lembremos que desde Davi-Salomão, os sumo sacerdote eram escolhidos da linhagem de Sadoc (2Sm 8.17; 1Rs 2.35). Devido a isso seu sacerdócio foi considerado ilegítimo pelos fiéis a tradição, os *hãsidîm/assideus*.

Esse momento, sem dúvida, foi culminante para alguns judeus piedosos, os *hãsidîm/assideus* começaram a se separar dos Macabeus.

Assim, os *hãsidîm/assideus* que tinham lutado ombro a ombro ao lado dos asmoneus (família dos macabeus) contra o exército selêucida, se afastaram, por ver que, o propósito inicial, de libertar do povo judeu da opressão vivida e a restauração da teocracia e intuições sagradas, estava tomando outro rumo.¹¹

Já o sadoquitas, que tinham sido afastados de sua influente posição política com o cargo de sumo sacerdote pela família asmonéia, pois a família asmonéia tinha assumido este alto cargo, mesmo não sendo da linhagem de Sadoc, foi aceito futuramente por eles e uniram-se em prol de uma política nacional-judaica independente.¹²

Vemos aí duas tendências nascendo, os fariseus e saduceus, nesse ambiente conturbado. De inícios, todos os judeus piedosos estavam unidos em torno da família dos Macabeus por um motivo religioso, por não aceitar, rigorosamente, a apostasia de Antíoco IV e o que ele vinha fazendo com que o povo abandonassem todo costume judaico.

Havia alguns que se submetiam à cirurgia para fazer desaparecer o sinal pertencente do povo de Israel, a circuncisão (1Mc 1. 13-15). Tal apostasia e o abandono a Aliança e do seu sinal, a circuncisão, acarretaria a rejeição do povo por Deus.¹³

¹⁰ BRIGTH, Jonh. op. cit. p 538

¹¹ HORSLEY, Richard A. & HANSON, John S. *Bandidos, profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1995. p 39

¹² SCHUBERT, Kurt. op. cit. p 17

¹³ SAULNIER, Christiane & ROLLAND, Bernard op. cit. p 75

Sendo assim, não podemos falar de uma data precisa do início de tais seitas, mas mediante ao que vimos, podemos fixar um período a partir de 152 a.C. com a ambição de Jônatas em ser sumo sacerdote, isso feriu o princípio que uniu o povo a esta resistência: a fidelidade à lei e a tradição, desrespeitar a linhagem sacerdotal de Sadoc foi fatal para a debandada do povo ao apoio à família macabaica. Daí começaram a surgir os grupos político-religiosos no mundo judeu, cada qual com sua visão legítima de como defender sua fé.

3. A HISTÓRIA E FORMAÇÃO DOS FARISEUS, SADUCEUS, ZELOTAS E HERODIANOS

Este capítulo trabalhará a história e a origem dos grupos fariseus, saduceus, zelotas e Herodianos, a partir de uma pesquisa, que é elaborada sempre cronologicamente.

3.1 FARISEUS

3.1.1 *Significado da palavra fariseu*

Antes de falarmos da origem e do grupo fariseu é importante estudarmos o significado da palavra fariseu, pois através dela teremos uma idéia de como pensavam os componentes deste grupo.

Segundo Schubert, existem algumas polêmicas em torno do significado da palavra que vem do hebraico *perûsim*, este tem um sentido literal de “separados”, vindo do ideal de pureza ritual que esta comunidade tinha. Um outro sentido é que eles queriam com essa palavra denominar ao seu grupo, que o modo de vida deles era diferente, das pessoas comuns que não levavam a sério a observância da lei. Outra tradução para *perûsim* é sugerida pelo nome de *hãber* “companheiro”, membros que respeitam de modo particular a pureza ritual.

Jeremias defende que a palavra tinha também um significado de “os santos” ou “o verdadeiro Israel”.¹⁴

3.1.2 *A origem dos fariseus*

Como estudamos, os fariseus tem sua origem nos assideus, como os essênios. Sendo assim, alguns do assideus por não concordarem com o sumo sacerdó-

¹⁴ JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no Tempo de Jesus: pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário*. 4 ed. São Paulo: Paulus, 1983. p 333

cio de Jônatas, um grupo radical assideu sai em retiro para o deserto, esse grupo apocalíptico viviam uma expectativa do próximo tempo do fim, com sua saída eles se estruturam e formam os essênios.

Outro grupo se separa dos assideus, se estrutura e daí surgem os fariseus, entre 160 e 150 a.C. Os fariseus não compartilhavam da mesma expectativa apocalíptica eminente dos essênios, que fazia desses dois grupos tão diferentes, por isso foram considerados céticos em relação a este pensamento da linha dos assideus mais radical, os essênios.¹⁵

Saulnier e Rolland vão mais longe, para eles toda esta linha, além de vir dos assideus também descenderam de Esdras, o sacerdote. Os assideus ou piedosos, no tempo da restauração realizada por Esdras, entendem e assumem essa proposta para o grupo, que não basta reconstruir templo ou muralhas de Jerusalém, mas antes disso tudo, era preciso reconstruir a vida espiritual do povo e para isso era necessário voltar para o estudo da Lei e sobre a oração, pois assim conheceria a vontade de Deus.¹⁶

3.1.3 A vida política: o envolvimento político dos fariseus na história

Os fariseus unem-se, mesmo sem concordar com o sacerdócio ilegítimo de Jônatas, a família asmonéia e formam um tipo de associação político-religiosa visando um modo de aplicar a Lei mosaica em todos os seguimentos da sociedade, como na vida social, econômica e religiosa. O objetivo maior era ler a Torá, como os escribas, interpretar e aplicar estas leis no seio da sociedade.

Os fariseus ficaram no poder regendo o modo de vida judaica com a família asmonéia até João Hircano a partir de 134 a.C. quando ele assume o poder em lugar de seu pai Simão. De fato é nesse momento que é fundada a dinastia dos Asmoneus da linhagem dos macabeus.

Percebendo que eles estavam caindo nos mesmos erros do passado, onde os judeus eram divididos por duas massas, a rica aristocracia que se formou em torno de Hircano e de seus sucessores e a massa do povo dominada pela primeira. Numa atitude de uma reorganização da sociedade, os fariseus pedem a João Hirca-

¹⁵ SCHUBERT, Kurt. op. cit. p 23-25

¹⁶ SAULNIER, Christiane & ROLLAND, Bernard. op. cit. p 80

no que se contente com a realeza e renuncie a função de sumo sacerdote. João Hircano não aceita e simplesmente separa dos fariseus e cancela todas as regras que eles tinham estabelecido para sociedade e alia-se com os recém formados saduceus.

Daí acontece um novo alinhamento, de um lado, os asmoneus e saduceus como aristocracia e do outro os fariseus. Este volta-se ao povo para obter apoio, já que antes suas vidas eram com bases naquilo que os fariseus interpretavam, ouve-se então essa facilidade de apoio, surgindo uma forte oposição aos asmoneus e saduceus.

Ainda sobre forte oposição dos fariseus, sobe ao poder Alexandre Janeu em 104 a 76 a.C. este vai experimentar de uma grande manifestação do povo em certo ano durante a Festa do Tabernáculo, atirando cidra no rei - sumo sacerdote, tudo indica ser uma manifestação apoiada pelos fariseus. Isso vai causar uma revolta muito grande em Janeu que vai vingar-se de uma forma cruel, matando 800 pessoas que eram opositoras a ele.

Para Saulnier e Rolland, este momento foi marcante para história dos fariseus pela oposição a Janeu. Devido a este ato, vai ser instaurada uma guerra civil de 6 anos onde milhares de judeus morreram.

Mas no final os fariseus saíram vencedores subindo ao poder, futuramente, com a rainha Alexandra.¹⁷ Sobre o comando da viúva, rainha Salomé Alexandra, os fariseus voltam ao poder e exercem algum tipo de influencia, pelo menos no conselho do Sinédrio.¹⁸

Jeremias completa dizendo que a rainha Salomé se une aos fariseus por ordem do próprio Janeu, que no seu leito de morte a orienta unir-se a eles. A relação não tem maiores problemas, pois como Alexandra era mulher e não podia assumir o sumo sacerdócio, motivo de briga entre os fariseus e a família asmonéia.¹⁹

Morre a rainha Salomé, Roma aparece no cenário político. Com isso, foi tirado gradativamente o poder das mãos dos asmoneus. Mesmo que pudesse parecer o contrário, para os fariseus, essa aparição dos romanos, proporcionou o aparecimento do Sinédrio como autoridade da administração autônoma hebraica. Os fariseus aparecem novamente de uma maneira forte no cenário político, pois no reinado da

¹⁷ SAULNIER, Christiane & ROLLAND, Bernard. op. cit. p 79

¹⁸ HORSLEY, Richard A. & HANSON, John S. op. cit. p 40-42

¹⁹ JEREMIAS, Joachim. op. cit. p 353

rainha Salomé, foi dada, aos fariseus, alguma autoridade neste conselho. Mas é certo pensarmos que mesmo com passar do tempo, os fariseus nunca mais tiveram o *status* que tinha com Jônatas e seu sucessor Simão.²⁰

3.1.5 *Dia – dia dos fariseus*

Os fariseus são considerados ao mesmo tempo como partido político e religioso. São eles defensores do povo. Mesmo saindo do povo, os fariseus procuravam estar separados do povo, por achar que o mesmo não era fiel a Lei Mosaica.²¹

Jeremias defende que este grupo, sociologicamente, não deve ser incluído entre a classe superior, mesmo que eles por algum tempo tenham regido as leis judaicas, como vimos anteriormente, eram na maioria pessoas do povo, sem formação de escriba, mas é certo que havia certo elo entre eles e os escribas.

A comunidade farisaica compunha-se basicamente de plebeus, gente simples do povo, como comerciantes, pessoas honesta, sérias, sempre prontas a dedicarem ao que fosse necessário. Muitas vezes se mostravam orgulhosos em relação aos demais judeus.

É bom ressaltarmos que dentre muitos fariseus ilustres, J. Jeremias defende que o Apostolo Paulo foi um deles. É importante ressaltarmos que o último rei judeu, Agripa I (41-44 d.C.) vivia como fariseu.

Para o egresso ao farisaísmo eram necessárias algumas regras que não podiam ser quebradas. Antes de admitir qualquer pretendente ao farisaísmo era necessário um período de avaliação para a aprovação que durava de um mês a um ano, durante o qual o pretendente dava provas de sua aptidão para seguir as prescrições rituais.

Terminado o período experimental para aprovação dos candidatos, este comprometia-se à observância dos regulamentos do grupo, que era pureza e dízimo, tudo acompanhado, pelo menos, de um escriba fariseu.

Com uma bela estrutura em associações, havia em cada uma delas seu chefe, era exigência que estes fossem escribas. Diante dessa estrutura havia suas assembleias, essas eram marcadas por uma refeição, especialmente às sextas-feiras à

²⁰ SCHUBERT, Kurt. op. cit. p 27

²¹ SAULNIER, Christiane & ROLLAND, Bernard. op. cit. p 81

noite para abertura do sábado. Essas associações eram independentes entre si, desde que obedecessem aos princípios farisaicos, mas ambas tinham certa autonomia.

Como dito a cima, J. Jeremias deixa bem claro para o perigo de colocarmos numa mesma classificação escribas e fariseus, o que para ele não existe, apesar de haver dentre os fariseus alguns escribas. Lucas estabelece essa clara separação no discurso de Jesus a cerca dos Teólogos, os escribas e um discurso de Jesus a cerca dos homens da prática, os fariseus. Dentre as defesas que Jeremias apresenta para provar isso, nos chama atenção essa que citaremos a seguir.

Vejamos como é feita a censura de Jesus aos escribas, acusações de que: impõe às pessoas certas leis pesadas, quando eles mesmos não as cumpriram; construíam túmulos aos profetas, enquanto eles mesmo estão prontos a condená-los; mantinham ocultas suas ciências, fechavam, assim, o acesso do povo de Deus ao seu Reino; ambição de aparência, de honrarias e atenções, em particular o desejo do primeiro lugar nas sinagogas.

Vejamos agora a censura de Jesus aos fariseus em Lc 11. 39-42 e 44, acusa de: hipocrisia no cumprimento das prescrições de pureza, quando eles mesmo interiormente são impuros; hipocrisia no pagamento do dízimo para legumes verdes ou secos, este são isentos segundo a Lei, ao passo que negligenciam as exigências religiosas e morais da mesma Lei. Como vemos essa crítica em especial não tem nada haver com formação teológica, mas sim com a pratica da vida diária, dos homens do povo, os leigos fariseus.

Já sobre a influência religiosa e política. Segundo Jeremias, os fariseus, em se tratando de uma influencia política (66 d.C.), eram de menor expressão em relação aos saduceus. Mas na área religiosa, os fariseus levavam mais vantagem sobre os saduceus. Toda vida religiosa, especialmente a liturgia, era regrada segundo as prescrições farisaicas. Os sumos sacerdotes, que eram saduceus, mesmo contra a vontade, eram obrigados a realizar a cerimônia segundo as prescrições e explicações farisaicas da Torá, bem como o calendário que era obedecido segundo suas prescrições.²²

Na sua estrutura em relação à organização, o grupo farisaico impressiona, tanto que o único movimento da época capaz de suportar a catástrofe de 70 d. C. foi o dos fariseus e através deles é que surgiu o judaísmo. Após a catástrofe, faltou a-

²² JEREMIAS, Joachim. op. cit. p 339-355

poio ao saduceus, e outros grupos sacerdotais e apocalípticos que tiveram como centro o templo desapareceram. Com esta situação, somente o farisaísmo sobreviveu e tornou-se, futuramente, o único grupo religioso judeu existente, como foi dito, o judaísmo.²³

3.2 SADUCEUS

Falando dos saduceus este é o segundo grupo organizado dos que estamos estudando. Eles surgem em oposição aos fariseus.

3.2.1 Origem do nome e do grupo saduceu

O nome dos saduceus deriva do hebraico *sadoc*, que na tradição bíblica associa ao sacerdote de Jerusalém, nos tempos do rei Davi e Salomão (1Rs 2, 35)²⁴ de nome Sadoc, que sucedeu Abiatar como sumo sacerdote. Este pode ter vindo também de outra palavra hebraica *zaddikim*, que significa “os justos”.²⁵

Para apimentar nossa discussão, a proposta de Otzen é que existem defensores do nome *Sadoc* ser de um certo fariseu do século II a.C. que teria deixado o farisaísmo e fundado, assim, seu próprio partido. Mas segundo este autor, a história deste *Sadoc* é lendária, sendo melhor vermos este como o sumo sacerdote dos tempos de Davi e Salomão.

De Sadoc surgiu o sacerdócio sadoquita, que mais tarde seria uma espécie de tendência partidária, sem ser um grupo organizado e estruturado ainda. Como vimos anteriormente (ver cap2) este existiu até o tempo dos asmoneus, quando Jônatas tornou-se o sumo sacerdócio desta linhagem.²⁶

Fazendo uma recapitulação para podermos entender de que raiz surgiram os saduceus, como foi dito no capítulo dois, existiam duas tendências religiosas, uma contrária a qualquer contato, fosse ele cultural ou religioso com outros povos vizi-

²³ SAULNIER, Christiane & ROLLAND, Bernard op. cit. p 82

²⁴ SCARDELA, Donizete. *Da religião bíblica ao judaísmo rabínico: origens da religião de Israel e seus desdobramentos na história do povo judeu*. São Paulo: Paulus, 2008. p 121

²⁵ HALE, Broadus David. *Introdução ao Estudo do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2001. p 19

²⁶ OTZEN, Benedikt. *O Judaísmo na Antiguidade: a História política e as correntes religiosas de Alexandre Magno até o Imperador Adriano*. São Paulo: Paulinas, 2003. p 148

nhos; e outra favorável ao intercambio com povos vizinhos ou a favor da própria helenização dos judeus como uma oportunidade de progresso daquele povo.

Saindo da linhagem de Sadoc, o sumo sacerdote da época de Davi e Salomão, surgiu a família dos sadoquitas, estes que eram favoráveis ao intercambio com povos vizinhos. Exerceram o comando dos judeus a partir do período pós-exílico em 539 a.C., esta função, nesta época, não significava apenas poder no que rege a religiosidade, mas também um poder político. O sumo sacerdote era, então, a autoridade máxima em meio ao povo judeu.²⁷

Otzen, classifica o surgimento dos saduceus, como partido, não mais como sadoquitas, mas como partido reformulado e estruturado por volta de 110 a.C, durante o reino do monarca asmoneu João Hircano e seu fim com a resistência e a catástrofe de 70 d.C., portanto cerca de 200 anos de existência. O monarca se separou dos fariseus, seus aliados políticos, nessa época, e se juntou com os recém formados saduceus²⁸, há quem diga que os saduceus nasceram em oposição aos fariseus, é provável, pois sabemos desta rivalidade histórica e encantadora de ambos os grupos.

3.2.2 *A relação dos sadoquitas com a vida política*

Os sadoquitas, agora como saduceus, voltaram ao poder com o monarca João Hircano devido à separação que houve com os fariseus.

É difícil entendermos essa aliança dos saduceus com João Hircano devido ao fato que acontecera com Jônatas 160 a.C. quando o sucedeu seu irmão Judas. Jônatas, não sendo da linhagem sadoquita, conseguiu ser nomeado sumo sacerdote, tomando das mãos dos sadoquitas este cargo.

Mesmo diante disso seria possível esta união? Podemos explicar este ato segundo a proposta que Otzen apresenta. O partido dos saduceus surgiu de uma divisão, os que não reconheceram o sumo sacerdócio ilegítimo da família asmoneia migraram para Qumrã com o nome de os “Filhos de Sadoc”. Os que permaneceram fundaram o partido dos saduceus, estes viram vantagens políticas em apoiar a famí-

²⁷ SCHUBERT, Kurt. op. cit. p 15

²⁸ OTZEN, Benedikt. op. cit. p 148

lia dos asmoneus; assim, com a união eles voltaram a reger a vida religiosa e política do povo judeu, junto com Hircano.²⁹

Essa união não significou, como eles eram oposição aos fariseus, que eles dariam abertura à helenização ou tirariam a Lei do povo. Mas houve uma mudança significativa em relação ao olhar que os fariseus tinham em relação à Lei de Moises, pois agora os saduceus colocariam, somente a Lei, sem extensa interpretação dos fariseus, como base da vida da sociedade, eliminou-se a interpretação legal que havia antes.

Ainda sob domínio asmoneu, com Alexandre Janeu (104-76 a.C) e depois com o reinado da viúva, rainha Salomé Alexandra, os saduceus mantiveram o privilégio que tinham com João Hircano, somente com a rainha, é que os saduceus dividiram, mesmo que um pouco, o poder com os fariseus no Sinédrio.³⁰

Interessados pelos negócios e por um Estado rico poderoso, fizeram com que os saduceus deixassem de lado o mal estar que havia entre ambas as famílias e se unissem a eles. Esta união teria como base o projeto de se achegarem aos povos vizinhos, mantendo uma relação estreita, principalmente com os gregos

A visão dos saduceus numa relação com povos vizinhos, pode ser entendida como uma forma de proteger o Estado de sua auto destruição caso continuasse com seu pensamento de auto-suficiência devido a seu medo de relacionar-se com não-judeus. Esta visão totalmente nacionalista e política fez com que os saduceus fossem conhecidos com aqueles que queriam a Helenização do povo judeu. Mas eles não poderiam ser conhecidos como aqueles judeus helenizadores que gostariam de perder e perderam sua identidade judaica.

O que os saduceus queriam, era um Estado grande e forte e viram na família dos asmoneus essa possibilidade. Sendo assim, como trataremos mais adiante, os saduceus só podem ser considerados liberais em sentido político, pois no âmbito religioso eram bem conservadores. Outro ponto importante é que este partido era considerado mais político que religioso.³¹

No I século de nossa história começa sua decadência. Os saduceus se encontravam em má situação sobre o domínio de Roma. Nessa época é que foi perdido tanto o poder político como, também, parte do poder religioso, pois o sumo sa-

²⁹ OTZEN, Benedikt. op. cit. p 149

³⁰ HORSLEY, Richard A. & HANSON, John S. op. cit. p 42

³¹ OTZEN, Benedikt. op. cit. p 151

cerdote já não era mais escolhido por Deus, segundo a descendência, mas pelo imperador mediante seu legado. Os fariseus, ao contrário, crescem, influenciando, como já foi dito, no culto.

Em 70 d.C. os saduceus chegaram ao final de sua existência. Devido à revolta que houve, sem apoio, o Templo foi destruído e com ele o partido dos saduceus.³²

3.2.3 *A vida diária dos saduceus*

De que consistia a membresia do partido saduceu? É equivocado pensar que o partido compunha-se apenas de membros da linhagem sacerdotal, é sabido que membros de outra classe também faziam parte desse grupo, a saber, a nova aristocracia rica, que poderíamos incluir membros da família asmonéia ou a cúpula que os rodeava.

Outro ponto importante do qual devemos tratar é em relação a sua expansão, no sentido de crescimento ou de busca de adeptos. Eles eram diferentes dos fariseus que buscavam apoio popular e adeptos em meio ao povo. Os saduceus eram um grupo fechado que não se preocupava com esse tipo expansão.³³

Como foi dito, os saduceus eram liberais no que referia à política, visando o fortalecimento do Estado. No que diz respeito à vida religiosa, eram bastante conservadores, mais até que os fariseus, que criam numa interpretação contínua das escrituras Sagradas. Forte testemunha disso é que tanto Josefo, quando o Novo Testamento confirmam que estes aderiram rigorosamente à Torá de Moises e não aceitavam reformulações.

Os saduceus defendiam com rigor que os ensinamentos propostos na Torá eram precisos não havendo a necessidade de novas interpretações. A Torá representava um código estático de leis intocáveis.³⁴

Ao falarmos da alta aristocracia judaica e do poder que ela exercia com os saduceus, não podemos esquecer de sua grande influência no Sinédrio, este que era o alto tribunal dos judeus.

³² SAULNIER, Christiane & ROLLAND, Bernard. op. cit. p 77

³³ HALE, Broadus David. op. cit. p 19

³⁴ OTZEN, Benedikt. op. cit. p 149 e 151

Organizado por Esdras e Neemias em Jerusalém, ainda quando trabalhavam na reconstrução do Templo, foi proposto por eles que a vida dos judeus fosse regida por um código externo, de regras baseadas na Lei de Moisés. Criou-se um conselho, que mais tarde ficou conhecido como Sinédrio, para colocar essas leis em prática.

Este passou por grandes reformulações na história de sua existência até sua extinção em 70d.C.

Originalmente era composto, basicamente, da aristocracia sacerdotal, esmagadoramente de saduceus. Com a ascensão da rainha Salomé ao trono houve uma reformulação de sua membresia, abrindo espaço, então para os fariseus em 76-67 a.C.³⁵ O conselho era composto de setenta membros, tendo como líder ou dirigente o sumo sacerdote. Mesmo com o espaço aberto para os fariseus, a maioria era de linhagem saduceia.³⁶

3.3 ZELOTES

Os zelotas são considerados uma ala judaica radical diferente dos saduceus, fariseus e essênios. Tanto os zelotas como outros grupos existentes, como os sicários, eram considerados como revolucionário, compostos de rebeldes que lutavam em *prol* de uma independência dos judeus.

Como veremos, um dos problemas que enfrentamos é em relação a sua formação e sua raiz, mas haverá alguns detalhes que nos darão condições para chegarmos a uma conclusão.

3.3.1 Do significado do nome à origem dos zelotas

Para Saulnier e Rolland o termo zelotas vem do grego “*ser zeloso por*” esse termo tem relação à prática da Lei e a Deus.³⁷ Mas segundo Horsley e Hanson o zelo por Deus e pela Lei não podem ser características específicas de nenhum movimento dos judeus, pois ambos tinham esse princípio.³⁸

³⁵ DOUGLAS, J. D. *O Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1995. p 134.

³⁶ HALE, Broadus David. op. cit. p 18

³⁷ SAULNIER, Christiane & ROLLAND, Bernard. op. cit. p 78

³⁸ HORSLEY, Richard A. & HANSON, John S. op. cit. p 166

Sua classificação é um pouco confusa, Josefo coloca a origem dos zelotas a partir da insurreição judaica de 66 d. C, pois, antes havia uma tendência no povo judaico que ele apenas denomina como salteadores ou bandidos. Mas ele reconhece que esse mesmo grupo já existe como seita desde 6 d.C.³⁹ Para Pixley, existe uma má vontade de Josefo em relação aos zelotas e seu reconhecimento como seita a partir do século 6 d.C. por não simpatizar com esse grupo. Mas ele reconhece sua importância diante dos acontecimentos futuros que levaram toda a nação judaica a uma guerra contra o domínio romano.

É bem claro o sentimento de Josefo em relação a esse grupo, os considerando, tanto a seita quanto seus membros, como suicidas.⁴⁰

Não somente a data nos traz dúvidas, mas também de que ramo eles surgem. Schubert defende que tanto os zelotas quanto outro grupo também existente na época chamado de sicários. Aqui é bom deixarmos bem claro a diferença entre um e outro, que estes eram grupos apocalípticos e não ramo do farisaísmo.⁴¹

Já Pixley afirma que durante o período de defesa de Jerusalém, na guerra contra os romanos, existia uma filosófica, chamada a Quarta Filosofia, para diferenciar dos fariseus, saduceus e essênios. Essa Quarta Filosofia regia os princípios de cinco facções revolucionárias que rivalizavam para liderar a revolução contra os romanos, são eles: os sicários; zelotas ou zelotes; idumeus; seguidores de João de Gíscala e seguidores de Simão Bar-Giora.⁴²

Também existe uma defesa de que os zelotas, além de radicais que eram, descendiam dos essênios. É provável, pois eles e os fariseus tivessem o pensamento parecido, mas é difícil pensar assim, pois os essênios eram um grupo monástico que se retirou do convívio da sociedade e os zelotas agiam nas regiões urbanas.

Também existe a defesa de que eles e os sicários eram um mesmo grupo, mas não é certo pensar assim.⁴³

Mas para Hale, e é o que acreditamos ser, os zelotas representavam o desenvolvimento de uma ala farisaica de extrema esquerda que estava interessada na independência da Nação e na autonomia dos judeus.⁴⁴ Fica mas claro isso, apesar

³⁹ SAULNIER, Christiane & ROLLAND, Bernard. op. cit. p 78

⁴⁰ PIXLEY, Jorge. *A História de Israel a partir dos pobres*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p 127

⁴¹ SCHUBERT, Kurt. op. cit. p 81

⁴² PIXLEY, Jorge. op. cit. p 127

⁴³ *SEITAS político-religiosas do Novo Testamento*. Disponível em

<http://www.redemptor.com.br/site/index.php?id_pagina=823>. Acesso em 03/04/2007

⁴⁴ HALE, Broadus David. op. cit. p 19-20

de Josefo não querer colocar esse movimento iniciado por Judas, como um ramo do farisaísmo, pois ele mesmo era um fariseu e isso poderia deixá-lo numa situação ruim com os romanos, pois ele escrevia para eles. Mas parece haver uma contradição em Josefo, pois ao mesmo tempo, afirma que eles concordavam com todos os aspectos da crença dos fariseus, exceto na sua extraordinária paixão pela liberdade. Existe uma lógica nessa proposta, pois se não houvesse nenhuma divergência em relação à crença farisaica, eles seriam fariseus e não zelotas. Então é tentador pensar que os zelotas eram um ramo do farisaísmo.⁴⁵

Sendo assim, esse movimento é iniciado por Judas o Galileu em 6 d.C., esse era um gaulita de Gamala, ao Oriente do mar da Galiléia. Judas dá início a esse movimento devido ao recenseamento dos bens dos judeus, com finalidade fiscal, pedido pelo governador Quirino.

Nessa nova empreitada revolucionária, ao lado de Judas estava um certo Sadoc, o Fariseu, esta afirmação reforça nossa proposta de que os zelotas eram um ramo esquerdista dos fariseus.

Tudo se passa no momento de transição do governo da Judéia, Idumeia e Samaria quando Herodes Arquelau, filho de Herodes, é deposto do trono nesses territórios pelos romanos. Esse censo é o mesmo apresentado em Lucas 2.2 para datar o nascimento de Jesus e que erroneamente atribui ao tempo de Herodes, pois o mesmo estava sendo deposto. Foi devido à nova proposta de imposto que ocasionou tal revolta.⁴⁶

Mas é fato que esta tendência extremista estava enraizada na cultura judaica num passado remoto, anterior a 6 d.C., lembremos o espírito que conduzia os ideais da revolta dos Macabeus, que já citamos. Assim os zelotas são descritos como uma tendência com as mesmas características: rigoristas violentos.⁴⁷

3.3.2 A visão política dos zelotas

⁴⁵ HORSLEY, Richard A. & HANSON, John S. op. cit. p 167

⁴⁶ OTZEN, Benedikt. op. cit. p 169

⁴⁷ SAULNIER, Christiane & ROLLAND, Bernard. op. cit. p 78

Para entender a visão política dos zelotas, precisamos falar um pouco de seu contexto, juntamente com os demais grupos revolucionários que existiam juntos com os zelotas.

Todos tinham o mesmo ideal, lutar contra Roma, eram contrários ao domínio romano, estes aspiravam o ideal de liberdade, de independência. É defendido por Otzem que, na verdade, o que regia os ideais de liberdade desses grupos eram os mesmos sentimentos que impulsionaram o Macabeus na sua revolta contra os Gregos. Há a possibilidade de Judas ser de descendência asmonéia.⁴⁸

Mas é enfático de que a única coisa que os unia era o espírito anti-romano, para assegurar o absoluto domínio de Deus na sua própria terra, pois fora isso eram rivais, cada um queria o poder para si e seguir na direção do povo judeu.

Sendo assim, podemos classificar estes grupos mais como partidários que religiosos, apesar de uma está ligada à outra.⁴⁹

As aspirações ansiosas de liberdade defendidas pelos zelotas estavam também em torno da isenção de impostos, pois se mais tarde não tivessem condições de pagá-los trariam escravidão ao povo judeu.⁵⁰

3.3.3 O dia-dia dos zelotas

A composição do grupo dos zelotas: se tratava de rebeldes constituídos pelo sacerdócio inferior judeu, havia também, em sua composição, cidadãos da cidade de Jerusalém e alguns sicários que distanciaram de seu grupo original permanecendo na cidade, pois estes atuavam na zona urbana, mas resolveram se retirar ficando alguns dissidentes.

Esta união formou o grupo que conhecemos como zelotas, juntos planejaram tomar a área do Templo e conseguiram. No decorrer da história, a partir de 66 d. C., com a ajuda dos idumeus, um outro grupo, mataram o atual sumo sacerdote chamado Anã e por sorteio, decidiram qual seria o novo sumo sacerdote zelota. Era impor-

⁴⁸ OTZEN, Benedikt. op. cit. p 168-169

⁴⁹ SCHUBERT, Kurt. op. cit. p 77

⁵⁰ OTZEN, Benedikt. op. cit. p 177

tante que isso acontecesse, pois o sumo sacerdócio tinha apoio de parte da sociedade. É importante citarmos que os zelotas introduziram um reinado de terror onde muitos foram executados, principalmente os judeus com tendência herodiana.

Temos alguns nomes conhecidos, membros desse movimento. Dentre eles, talvez o mais conhecido, e que tem uma identificação grande com este grupo, é Barrabás, conhecido personagem citado no Novo Testamento, por ter sido solto da prisão no lugar de Jesus, como aparece nos textos de Mc 15.7 e Lc 23.19, Barrabás é descrito como rebelde e João 18.40 chamam-no de ladrão.

Outro membro ilustre dos zelotas era Simão, que também aparece no Novo Testamento compondo o grupo dos doze apóstolos de Jesus como aparece em Lc 6.15 e At 1.13, só que não podemos confundi-lo com Pedro, que anteriormente se chamava Simão, este Simão, o zelota é outro apóstolo de Jesus.

Essa empreitada que era considerada por eles como democrática não serviu para ninguém e no decorrer do ano 68 d.C. o movimento se desfez.⁵¹

3.4 OS HERODIANOS

Um dos grandes desafios desse trabalho é falar dos desconhecidos herodianos, sobre o qual trataremos agora, pois se trata de um grupo que não é encontrado em nenhum outro documento e nenhum material fala sobre, só o conhecemos pela sua breve citação no Novo Testamento em Mt 22.16 e Mc 3.6 e 12.13. Como coloca certo autor, o Novo Testamento não cita o influente grupo dos essênios, no entanto fala dos desconhecidos herodianos.⁵²

Hale com muita tranquilidade data o surgimento dos herodianos no século 6 d.C., quando Arquelau, filho de Herodes, o Grande, foi deposto. Este nome, como é de se imaginar, vem da família de Herodes. Há quem fale que são partidários dos fariseus e saduceus, sua classificação como um grupo independente é um acidente. Mas Hale coloca os herodianos como descendentes de uma ala esquerdista dos saduceus, portanto, por este autor eram considerados como um grupo independente.

53

⁵¹ OTZEN, Benedikt. op. cit. p 170-171

⁵² SAULNIER, Christiane & ROLLAND, Bernard. op. cit. p 83

⁵³ HALE, Broadus David. op. cit. p 20

Segundo Saulnier e Rolland, a membresia do partido dos herodianos era composta por partidários e amigos que provavelmente viviam como seus príncipes ou tinham alguns privilégios durante o governo de Herodes Magno, Antipas na Galiléia e Agripa. Estes governantes não viam possibilidade de reinar sem ajuda de partidários que estivessem ao seu lado.⁵⁴

Politicamente eram um grupo aliado da família herodiana. Sua associação com os fariseus quanto ao debate acerca dos tributos pagos a César, relatados no Novo Testamento, nos textos citados acima, sugere que existe uma concordância com eles na questão debatida. Neste debate fica claro que esta em jogo o nacionalismo contra a submissão a um domínio estrangeiro.⁵⁵

Apesar de parecerem favoráveis ao governo romano, o seu fim político era a fundação de um independente império judaico, governado por Herodes. Jogavam o jogo dos romanos até se tornarem fortes o bastante para pôr fim a esta odiada situação.⁵⁶

Estes partidários se colocavam como observadores do povo judeu, espiões em meio ao povo, para observar qualquer manifestação que pudessem contestar o poder de seus governantes. Dentro da preocupação do surgimento de grupos revolucionários, estavam os movimentos messiânicos, que poderiam ser problema para o bem estar do governo. Lembremos que foram eles, juntamente com os fariseus que prenderam Jesus, devido a este temor.⁵⁷

Por serem um grupo considerado messiânico, os herodianos são fortes opositores dos zelotas, viviam preocupados em capturar agitadores políticos na Galiléia. Estes também eram os responsáveis pela morte de João Batista.⁵⁸

Como vimos, apesar de serem um grupo pequeno e por muitos, desconhecido, os herodianos serão de vital importância para o desenvolvimento da teologia cristã, pois eles estarão sempre ao lado das questões mais polêmicas no mundo judeu.

⁵⁴ SAULNIER, Christiane & ROLLAND, Bernard. op. cit. p 83

⁵⁵ DOUGLAS, J. D. op. cit. p 712

⁵⁶ *DICIONÁRIO Bíblico*. Disponível em

<<http://www.bibliaonline.net/scripts/dicionario.cgi?procurar=herodianos&exata=on&link=bol&lang=BR>>

. Acesso em 31/03/2008

⁵⁷ SAULNIER, Christiane & ROLLAND, Bernard. op. cit. p 83

⁵⁸ *NOVO Testamento*. Disponível em

<http://www.parakletos.org.br/html/index.php?option=com_content&task=section&id=36&Itemid=94>.

Acesso em 31/03/2008

4. OS FARISEUS; SADUCEUS; ZELOTES E HERODIANOS EM SUA EXPRESSÃO DOUTRINARIA.

Focalizaremos agora, separadamente, a teologia desses grupos. A justificativa é por ser complicada a diferenciação do que é teológico ou a base de fé deste povo, do lado social, político e econômico, por ambos os temas estarem interligados às suas teologias, estamos propondo então, um estudo independente, neste momento, das diversas áreas do dia-dia judeu, falando, em foco, de sua teologia.

Outro ponto de suma importância e propósito de nosso trabalho é de familiarizarmos com esses grupos conhecendo sua teologia, assim, trabalhar essa área em separado, também nos dará maior visão.

Por outro lado, não é nosso propósito apresentar todas as doutrinas, pois seria impossível, por não as conhecermos por inteiro. Então apresentaremos as que conseguimos catalogar. Também faz parte do nosso propósito pegar somente as significativas.

Sendo assim, como está claro em todo trabalho, iniciaremos este estudo por ordem cronológica, sendo os fariseus, desses grupos, o primeiro a ser organizado.

4.1 TEOLOGIA FARISAICA

4.1.1 A relação farisaica com a Torá e a necessidade de pureza:

Segundo este autor, os fariseus eram homens piedosos, que conheciam bem a lei, sua relação com ela não era apenas de conhecê-la, mas de praticá-la. Estes consideravam de extrema importância e compromisso de cada um difundi-la a outros irmãos judeus.

Em relação a sua prática existe outra definição. Segundo Schubert, a posição dos fariseus em relação à Lei Mosaica pode ser definida como democrática, por se-

rem aceitas várias interpretações, desde que fossem coerentes. Este autor diz que os fariseus viviam uma eterna interpretação bíblica.⁵⁹

Já Hale diz que, a interpretação era necessária para ser prática nesse novo mundo grego-romano, existia, então, um ajuste para a situação vivida no momento. Outro ponto importante para haver essa interpretação é o fato do perigo que eles corriam da entrada de outras teologias de religiões intrusas, já que muitas dúvidas e questionamentos eram levantados por elas e a interpretação farisaica também servia para isso.⁶⁰

Para os fariseus somente a parte da Lei de Moises foi colocada por escrito, sendo o resto transmitido oralmente aos profetas e dos profetas para os escribas. Essa Lei oral para eles tem o mesmo valor ou até mais importante que a Lei escrita.⁶¹

Hale é radical e diz que para os fariseus, a tradição oral suplantou a Lei. As finas distinções das tradições orais era para facilitar a compreensão e cumprimento da Lei sob novas condições de vida, tornando impossível o ato do pecado.⁶²

4.1.2 *Método alegórico:*

Temos informações que os fariseus tinham como método de interpretação bíblica o “Método Alegórico”⁶³, iremos, no entanto, fazer uma abordagem desse método através de um de seus membros mais ilustres. Sem dúvida, o autor que mais contribuiu para nosso conhecimento hoje dos fariseus, Flávio Josefo. Fica bem claro, então, que essa abordagem é de um fariseu.

Flávio Josefo era judeu, havia nascido em uma família de sacerdotes, seu verdadeiro nome era José ben Matias. Nasceu em 37 d. C. e morreu 100 d.C. Durante sua vida foi fariseu, mesmo que por algum tempo tenha passado entre os essênios, mas esse parece não ser o seu estilo de vida, pois os essênios tinham um modo de vida monástico no deserto.

Falando da teologia de Josefo, devemos, no entanto, ser cautelosos em falar do Método Alegórico usado por ele, pois raramente o usa, embora ele acredite ser

⁵⁹ SCHUBERT, Kurt. op. cit. p 36

⁶⁰ HALE, Broadus David. op. cit. p 19

⁶¹ SAULNIER, Christiane & ROLLAND, Bernard. op. cit. p 81-82

⁶² HALE, Broadus David. op. cit. p 19

⁶³ *CONTEXTO Histórico-Social, Político, Religioso e Cultural no Livro de Atos*. Disponível em <http://www.ibnpaz.hpg.ig.com.br/textos/contexto_historico_atos.htm>. Acesso em 31/03/2008

um método bíblico. Josefo apenas procura ser bastante cauteloso com o método alegórico para não cair no erro de fantasiar muito os textos bíblicos, quanto a isso ele é contrário. Há quem diga que Josefo na verdade está reagindo ao escritor Filo que usava demasiadamente o método.

Mas Josefo usa alegorias. Vejamos suas interpretações em um dos escritos produzidos por ele *“Antiguidade”*: O tabernáculo simboliza o céu e a terra; os doze pães da proposição representam os doze meses do ano; o candelabro com sete lâmpadas representa os sete planetas; as vestes do sumo sacerdote representam as partes do universo.⁶⁴

4.1.3 Sua visão Messiânica:

Sobre a visão Messiânica dos fariseus, vale ressaltar dois momentos distintos desta visão, antes, da origem do farisaísmo até a catástrofe da destruição em 70 d.C. e depois de 70 d.C. com a destruição de Jerusalém.

A visão do messias antes da destruição de Jerusalém era, segundo Hilel, um fariseu, em um de seus escritos, no tratado de Abot 11.7, que bastava os judeus retornarem para as palavras da Torá, que eles conquistariam para si a vida no mundo futuro.⁶⁵ Saulnier completa dizendo que sua visão a cerca da salvação e envio do Messias se dará através de uma observância séria, tanto da Lei escrita como a Lei oral, seria uma espécie de mérito para alcançar tais benefícios. Este messias estabelecerá enfim o Reino de Deus, expulsando ao mesmo tempo os romanos e todos os outros ocupantes.⁶⁶ Os fariseus queriam que a lei mosaica fosse mais efetiva na vida dos judeus, eles não estavam tão intensamente preocupados com a iminência da realização final do Reino, nesse sentido eram considerados cétricos.⁶⁷

Após a destruição de Jerusalém em 70 d.C o farisaísmo torna-se o judaísmo normativo, quer dizer, somente o farisaísmo sobreviveu, aí a visão acerca do messias mudou. Anteriormente bastava estar em acordo com a Torá, não se via a figura de um salvador. Depois de 80 d.C. através de um líder farisaico Iohanan bem Zak-

⁶⁴ LOPES, Augustus Nicodemus. *A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 97 e 104

⁶⁵ SCHUBERT, Kurt. op. cit. p. 32

⁶⁶ SAULNIER, Christiane & ROLLAND, Bernard. op. cit. p. 82

⁶⁷ HORSLEY, Richard A. & HANSON, John S. op. cit. p. 40

kai, muda-se o pensamento. No leito da morte ele orientou aos fariseus que preparassem o trono para Hiskia, aqui é um termo convencional para o Filho de Davi messiânico.⁶⁸

4.1.4 *A relação do fariseu com a prática do dízimo:*

Para os fariseus o dízimo completamente pago era sinal de fidelidade e lealdade a Deus. Eles se recusavam tomar alimentos em casa de não-fariseus para não correr o risco de eles estarem ingerindo alimento que dele não fora tirando o dízimo, eles encaravam esta questão com muita seriedade, tanto que para entrar no grupo, era necessário um juramento de que o candidato seria fiel no dízimo.⁶⁹

4.1.5 *Fariseus e a poligamia*

Para Schubert, os fariseus aceitavam, com ressalva, a poligamia, isso devido a duas acusações feitas a eles, por Jesus e pelos essênios.

Em Mc 10. 2-9 ou Mt 19. 3-8, Jesus recorda que em Gn 1.27 Moises teria aceitado o divórcio devido à dureza dos corações do povo.

Em um dos documentos encontrados na comunidade de Qumrã, os essênios, em CD 4.20 dizem que *“eles são duplamente prisioneiros: por causa da imoralidade de tomar duas mulheres durante a sua vida, apesar de o fundamento da criação ser: ele criou homem e mulher (Gn 1.27)”*.

Ao mesmo tempo em que Jesus e os essênios procuravam proibir a prática de poligamia em meio ao povo, os fariseus procuravam remedia-las com argumentações. Por isso o termo “hipócrita” usado por Jesus e pelos essênios venha devido a isso.⁷⁰

4.1.6 *Predestinação e livre arbítrio*

⁶⁸ SCHUBERT, Kurt. op. cit. p 32

⁶⁹ DOUGLAS, J. D. op. cit. p 605

⁷⁰ SCHUBERT, Kurt. op. cit. p 36-37

Segundo Schubert, os fariseus eram obrigados a tocar neste assunto devido à necessidade, pois algumas correntes helenistas influenciavam esse raciocínio.

Para os fariseus havia uma relação entre livre arbítrio e predestinação, mas uma não interferia na ação da outra, veremos em Schubert as citações de alguns autores e testemunhas da época que atestam esse espírito farisaico.

Flávio Josefo diz que os fariseus afirmariam que certas coisas, mas nem tudo, seria obra do destino e outras coisas, diferentemente, aconteciam ou não devido ao livre arbítrio. Outro autor da época R. Akiba diz que tudo está previsto, mas dá ao homem a vontade livre. Já, Hanina bar Hama diz que tudo está nas mãos de Deus, exceto o temor a Ele.⁷¹

4.1.7 Ressurreição e juízo dos mortos

Desde a separação dos fariseus dos assídeos, no século II a.C., existe essa doutrina farisaica de que os mortos ressurgiriam com o corpo. Havia também, a esperança na ressurreição à espera de um juízo final, universal, em que os justos seriam separados dos pecadores.

Numa concepção primária, depois da morte do homem toda sua existência psicofísica ia para o hades, o país sem retorno. Já na época veterotestamentária tardia, foi difundido que havia esperança na ressurreição, era sempre toda a existência psicofísica do homem que devia despertar para a nova vida. O hades não era mais o país sem retorno.

Essa concepção de imortalidade da alma depois da morte foi uma influência greco-filosófica, assim o farisaísmo passou a reconhecer não o conceito de um juízo universal no fim dos tempos, mas também o de um juízo individual após a morte.⁷²

⁷¹ SCHUBERT, Kurt. *Os Partidos Religiosos Hebraicos da época Neotestamentária*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1979. p 36

⁷² *Ibidem*. p 48-50

4.2 A TEOLOGIA DOS SADUCEUS

No livro de Atos 23. 8 a doutrina dos saduceus é exposta de maneira negativa pelo seu escritor “*os saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjo nem espírito*”. Vejamos, então, no que eles criam:

4.2.1 *A relação com a Torá*

Como foi dito, rigorosos em relação a sua fé olhavam para as Leis de Moisés como vivas ainda em sua época. Para eles só valiam os Livros da Torá e desconfiavam dos livros dos Profetas, pois as consideravam como heresias vindas dos povos vizinhos que os fariseus aceitavam com tranquilidade.

Como vimos, os fariseus defendiam uma pureza ilimitada, não somente dos sacerdotes, mas do povo, esta devia ser cumprida tanto no Templo, como na vida cotidiana. As prescrições dadas aos sacerdotes deveriam ser vistas por todo povo.

Os saduceus viam com outros olhos e foram acusados por Josefo, que era fariseu, de que quanto mais a Lei é precisa e limitada, menor é o campo em que se aplica e maior é o campo em que se goza de uma total liberdade. Os princípios de pureza só deveriam ser aplicados no Templo. Essa visão tinha sua consequência, significava que fora do Templo o povo estava livre.

Preocupações semelhantes, como aconteciam com interpretações da Torá, aconteciam em relação às especulações apocalípticas que cresciam e fascinavam muitos judeus. Eles viram que estas tendências eram um perigo que rondava o povo judeu, correndo o risco, devido a estas especulações apocalípticas, do surgimento de grupos revolucionários que se levantariam contra as autoridades constituídas.

4.2.2 *Teologia da Ressurreição dos mortos*

Os saduceus eram contrários à nova teologia de ressurreição dos mortos. Schubert informa que Josefo, em um de seus escritos, diz que os saduceus não criam na existência da alma depois da morte, bem como o castigo da mesma ou recom-

pensas no hades. Fica claro que Josefo expunha para seu público que os saduceus rejeitavam a doutrina dos círculos apocalípticos da ressurreição dos mortos.

Os evangelhos também atestam essa teoria, onde um saduceu ridiculariza a esperança na ressurreição, perguntando a qual dos maridos pertenceria à mulher que se casou sete vezes. Mc 12. 18-27; Mt 22. 23-33 e Lc 20. 27-40⁷³

Sendo assim apoiavam-se numa concepção tradicional de retribuição imediata e material, isso devido às riqueza e ao poder que possuíam, esse era o motivo de Deus os abençoarem tanto, representava também que Deus os reconheciam como justo. Sendo assim, seria contraditório pensar numa retribuição após a morte devido aos privilégios que a vida os dava.

4.2.3 *Sua relação com a nova tese da existência de anjos e demônios*

Ainda, sobre a teoria, que fluíam de círculos apocalípticos, de espíritos bons e maus (anjos e demônios), estas eram contestadas pelos saduceus, que não criam em hipótese nenhuma.

As especulações sobre a existência de anjos e demônios eram tidas como uma perda de tempo. Para eles, essa discussão só tiraria a atenção do povo em relação a suas obrigações diárias em torno da Lei de Moisés.⁷⁴

4.2.4 *Teologia saduceia do livre arbítrio*

Diferente dos fariseus, que criam, em certo sentido, na predestinação. Os saduceus eram contrários a essa teoria. Para eles não havia destino, pois o homem tem o livre arbítrio de fazer suas escolhas, sendo assim, de escolher entre o bem ou o mal.

Devido a isso é que vem sua crença de que tanto a prosperidade quanto as advertências de Deus eram o puro resultado da ação individual de cada um, que poderia ser aprovada ou reprovada por Deus.⁷⁵

⁷³ SCHUBERT, Kurt. op. cit. p 15

⁷⁴ OTZEN, Benedikt. op. cit. p 152

⁷⁵ DOUGLAS, J. D. op. cit. p 1449

4.2.5 *Criam eles na vinda do messias?*

Segundo Scardelai, por serem tão apegados à Torá judaica, eles não viam necessidade de uma ampliação na doutrina dos judeus. Em consequência disso, não criam na vinda de um messias, por não acharem sustentação bíblica na Torá que indique sua vinda.⁷⁶

4.3 TEOLOGIA ZELOTA

Falaremos de alguns pontos da teologia zelota, pois por um lado não temos material suficiente e por outro lado, como eram uma ala do farisaísmo, concordavam quase em tudo com a crença deles.

O que vale ressaltar é que esse grupo pensava apocalipticamente, em um fim escatológico próximo.

4.3.1 *Relação dos zelotas com a Lei, Templo e a influencia helenista.*

Otzen defende que os zelotas tinham uma mesma concepção farisaica de que a Lei deveria determinar todos os aspectos da vida dos judeus e que não há ninguém acima dos judeus, só Deus.⁷⁷

Diferentes dos fariseus, apesar do grande respeito que estes tinham pelo Templo, mas como vimos, não eram apegados como os saduceus. Já a relação do zelotas com o templo era de total respeito, como vimos anteriormente, eles tinham fortes laços, pois faziam parte de seu grupo dissidentes sacerdotes.

Como os fariseus, os zelotas eram opositores a toda influencia do helenismo no mundo judeu, aqui, mais no lado religioso e cultural, pois politicamente não existia qualquer resquício deste domínio.⁷⁸

⁷⁶ SCARDELA, Donizete. op. cit. p 121

⁷⁷ OTZEN, Benedikt. op. cit. p 175

⁷⁸ SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. *A Palestina no Século I d. C.* Disponível em <<http://www.ifcs.ufrj.br/~frazao/palestina.htm>>. Acesso em 31/03/2008

4.3.2 O messias esperado pelos zelotas

O pensamento zelota em relação ao Messias estava no ato de rejeição ao jugo romano. Este seria o primeiro passo rumo aos últimos dias.⁷⁹

Um sacerdote, chamado Eleazar, filho do sumo sacerdote Ananias, conseguiu o apoio dos demais sacerdotes de não aceitar sacrifícios dos não judeus, juntamente com essa proposta, estava a de parar com o sacrifício em honra ao imperador. Esse pensamento era originário dos zelotas, pois para eles a purificação do Templo de tudo que era impuro e ilegítimo contribuiria para a realização do Reino de Deus.

Como afirma Schubert, os zelotas também compunham de um grupo de sacerdotes que se inspiravam no templo de Jerusalém e que suas expectativas eram de um fim escatológico próximo, sendo assim, é possível pensar que eles esperavam por um messias sacerdotal.⁸⁰

Seu pensamento messiânico era radical, acreditavam que só haveria um modo de governar o povo judeu, através de um governo teocrático, ocupado por um judeu. Eles viam a luta armada como uma forma de acelerar a instauração do Reino de Deus.⁸¹

4.4 TEOLOGIA HERODIANA

Falar do dia-dia dos herodianos é difícil, mais é expor sua teologia, mas como fizemos na exposição da teologia dos zelotas, poderemos chegar a alguma conclusão a cerca da doutrina herodiana.

Por se tratar de um grupo advindo da aristocracia dos saduceus, fica claro que, tirando as divergências em relação à doutrina dos saduceus, que os fez separar, todo seu pensamento estava baseado no pensamento saduceu.

Mas em relação à figura do messias, este grupo tinha uma visão bem definida. Para eles suas esperanças nacionais estavam na família herodiana. Dela viria o

⁷⁹ OTZEN, Benedikt. op. cit. p 176

⁸⁰ SCHUBERT, Kurt. op. cit. p 77

⁸¹ SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. "A Palestina no Século I d. C."

Disponível em <<http://www.ifcs.ufrj.br/~frazao/palestina.htm>>. Acesso em 31/03/2008

messias tão esperado. Sendo assim, olhavam para ela com respeito ao cumprimento a profecia a cerca do messias.⁸²

Como podemos perceber, tanto herodianos como os demais grupos religiosos que trabalhamos, são difíceis considerá-los como grupos políticos ou religiosos, pois uma coisa está ligada à outra. Esperei este momento para trabalhar seus princípios e suas definições como partidos políticos ou religiosos, para mostrar que uma coisa está ligada a outra, sua visão acerca do messias os movia politicamente, sendo assim uma coisa depende da outra. Também, não temos condições para defini-los como partido político ou religioso.

⁸² HALE, Broadus David. op. cit. p 20

5. CONCLUSÃO

De acordo com que foi apresentado neste trabalho, podemos, com tranquilidade, chegar a algumas conclusões. Pois como vimos, o judaísmo vivia em um núcleo, em relação a sua fé. A desobediência a Deus os levou ao cativeiro, os judeus se viram obrigados a tomar uma atitude de fidelidade em relação a Deus para que isso, o cativeiro, não acontecesse mais.

Essa preocupação fez com que muitas idéias surgissem para serem seguidas, que agradassem a Deus. Dessas idéias, suriram duas tendências, essas tendências se fortaleceram, estruturaram e se organizaram formando os assideus de um lado e do outro os sadoquitas. Dessas duas tendências surgem os grupos que estudamos: os fariseus, saduceus, zelotas e herodianos.

Sendo assim, como vimos acima, chegamos à conclusão de que esses grupos não surgem de um vácuo, mas das necessidades que foram surgindo.

Dessas duas tendências, uma aceita e apóia o contato ou intercâmbio com povos vizinhos, outra não.

Diante disso, vemos um farisaísmo contrário ao intercambio com povos vizinhos. De outro lado, com relação à vida religiosa, são acusados, pelos saduceus, de aceitarem com naturalidade as influências desses povos vizinhos na sua fé. Um deles é em relação ao seu olhar sobre a Torá, que para eles tinha perdido seu valor no que diz o tempo que eles viviam, assim, procuravam sempre trazer à tona, novas interpretações, tornando-a atuais.

Dos assideus, com foi dito, saíram dois grupos, uma ala radical, os essênios e outra, que se estrutura e dela surgem os fariseus, entre 160 e 150 a.C. Os fariseus são considerados ao mesmo tempo como partidos políticos e religiosos. Constituíam de uma ala defensora do povo.

Os fariseus são respeitados pela sua bela estrutura organizada em associações, havia algumas comunidades e em cada uma delas seu chefe, e era exigência ser formado como um escriba. Para o egresso ao farisaísmo eram necessárias algumas regras que não podiam ser quebradas. Seus futuros membros eram catequizados.

Já o partido dos saduceus, não mais como sadoquitas, uma outra tendência que havia paralelo e contrario aos Assideus, se estrutura e por volta de 110 a.C.

nasce este grupo reformulado que conhecemos como saduceus. Estes nasceram em oposição aos fariseus.

Concluimos, também, em uma visão totalmente política, que os saduceus queriam, era um estado grande e forte. Este desejo os fez se unirem à família dos asmoneus que eram aliados dos fariseus.

Os saduceus só podem ser considerados liberais em sentido político, pois no âmbito religioso eram bem conservadores. Outro ponto importante é que este partido era considerado mais político que religioso. No Sinédrio os saduceus tiveram muita influência, este que era o alto tribunal dos judeus.

Religiosamente, os saduceus defendiam com rigor que os ensinamentos propostos na Torá, eram precisos, não havendo a necessidade de novas interpretações. A Torá representava um código estático de leis intocáveis.

De outro lado, ficamos sabendo de outro grupo, os zelotas que são considerados uma ala judaica radical, diferente dos saduceus, fariseus e essênios. O termo zelotas vem do grego “*ser zeloso por*” esse termo tem relação à prática da Lei e a Deus. Chegamos a conclusão também, que eles existem desde 6 d.C, com seu precursor chamado Judas o Galileu e Sadoc o fariseu.

Os zelotas diferenciavam dos sicários, outro grupo que existia nesta época, mesmo que alguns sicários mais tarde viessem a se unir aos zelotas. Mas um diferenciava do outro. O zelotas vem de uma ala farisaica de extrema esquerda que estava interessada na independência da nação e na autonomia dos judeus. em 6 d.C.

Seu ideal era lutar contra Roma, eles eram contrários ao domínio romano, pois aspiravam ao ideal de liberdade, de independência de todos os judeus. Sua classificação é mais como partido político que religioso, apesar de suas aspirações políticas estarem orientadas pela sua fé.

Em outro extremo estão os herodianos, que também surgem no século 6 d.C. A membresia do partido dos herodianos era composta por partidários e amigos que provavelmente viviam como seus príncipes ou tinham alguns privilégios durante o governo de Herodes Magno, Antipas na Galiléia e Agripa.

Estes partidários se colocavam como observadores do povo judeu, espiões em meio ao povo, para observar qualquer manifestação que pudesse contestar o poder de seus governantes.

Pensando teologicamente chegamos à conclusão que os fariseus tinham uma boa relação com a Torá, mas achavam que ao lado dela deveriam estar as tradições orais, pois a Torá já estava ultrapassada. Para interpretar a bíblia, usavam o método alegórico. Defendiam, também, que todo povo devia buscar uma pureza interior, não somente os sacerdotes, eles queriam uma Lei prática, estendida a todo povo.

Para os fariseus o dízimo completamente pago era sinal de fidelidade e lealdade a Deus. Os fariseus aceitavam, com ressalva, a poligamia. Para eles havia uma relação entre livre arbítrio e predestinação, mas uma não interferia na ação da outra.

Sua visão a cerca do messias era de que bastava os judeus retornarem para as palavras da Tora, que eles conquistariam para si a vida no mundo futuro.

Desde a separação dos fariseus com assídeos, no século II a.C., existe a doutrina farisaica de que os mortos ressurgem com o corpo. Havia também, a esperança na ressurreição à espera de um juízo final, universal, em que os justos serão separados dos pecadores.

Os saduceus eram contrários à nova teologia de ressurreição dos mortos, as especulações sobre a existência de anjos e demônios eram tidas como uma perda de tempo e eles não criam na vinda de um messias.

Os zelotas tinham uma mesma concepção farisaica de que a Lei deveria determinar todos os aspectos da vida dos judeus e que não há ninguém acima dos judeus, só Deus. A relação do zelotas com o templo era de grande respeito.

Sobre a vinda do messias os zelotas pensavam que estava no ato de rejeição ao jugo romano este acontecimento. Este seria o primeiro passo rumo aos últimos dias.

Concluimos também que os herodianos tinham uma visão bem definida em relação à figura Messiânica. Para eles suas esperanças nacionais estavam na família de Herodes. Dela viria o messias tão esperado. Sendo assim, olhavam para os descendentes de Herodes com respeito, esperando o cumprimento da profecia a cerca do messias.

Sendo assim, como foram classificados no decorrer de nosso trabalho, alguns grupos foram colocados como políticos e outros religiosos, mas não sabemos até onde podemos afirmar isso, pois uma coisa estava ligada à outra. A atitude destes grupos em relação ao lado político está sustentada pela sua crença, como vemos no caso dos herodianos, zelotas e fariseus, talvez os saduceus menos, mas os inclui-

mos nesse grupo, pois suas ações políticas não passavam por cima das Leis de Deus.

Chegamos ao final, mas é bom ressaltarmos que este trabalho foi prazeroso em sua elaboração. É bem verdade que foi desafiador, como falamos, por haver carências de provas arqueológicas, mas acreditamos ter conseguido alcançar o propósito, de colocar nas mãos do estudante do Novo Testamento, um material rico em argumento e esclarecedor deste mundo fantástico em que Jesus viveu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Claudionor de. *Geografia Bíblica: a geografia da Terra Santa é uma das maneiras mais emocionantes de se entender a história sagrada*. 13 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BRIGTH, Jonh. *História de Israel*. 7 ed. São Paulo: Paulus, 2003.
- DOUGLAS, J. D. *O Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- HALE, Broadus David. *Introdução ao Estudo do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2001.
- HORSLEY, Richard A. & HANSON, John S. *Bandidos, profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1995.
- JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no Tempo de Jesus: pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário*. 4 ed. São Paulo: Paulus, 1983.
- LOPES, Augustus Nicodemus. *A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- OTZEN, Benedikt. *O Judaísmo na Antiguidade: a História política e as correntes religiosas de Alexandre Magno até o Imperador Adriano*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- PIXLEY, Jorge. *A História de Israel a partir dos pobres*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- SAULNIER, Christiane & ROLLAND, Bernard. *A Palestina nos tempos de Jesus*. 7 ed. São Paulo: Paulinas, 1983.
- SCARDELAI, Donizete. *Da religião bíblica ao judaísmo rabínico: origens da religião de Israel e seus desdobramentos na história do povo judeu*. São Paulo: Paulus, 2008.
- SCHUBERT, Kurt. *Os Partidos Religiosos Hebraicos da época Neotestamentária*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1979.

CONTEXTO Histórico-Social, Político, Religioso e Cultural no Livro de Atos. Disponível em
<http://www.ibnpaz.hpg.ig.com.br/textos/contexto_historico_atos.htm>. Acesso em
31/03/2008.

DICIONÁRIO Bíblico. Disponível em
<<http://www.bibliaonline.net/scripts/dicionario.cgi?procurar=herodianos&exata=on&link=bol&lang=BR>>. Acesso em 31/03/2008.

NOVO Testamento. Disponível em
<http://www.parakletos.org.br/html/index.php?option=com_content&task=section&id=36&Itemid=94>. Acesso em 31/03/2008.

SEITAS político-religiosas do Novo Testamento. Disponível em
<http://www.redemptor.com.br/site/index.php?id_pagina=823>. Acesso em
03/04/2007.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. “*A Palestina no Século I d. C.*”
Disponível em <<http://www.ifcs.ufrj.br/~frazao/palestina.htm>>. Acesso em
31/03/2008.